



AGRONEGÓCIO NO BRASIL

INOVAÇÕES E PERSPECTIVAS SEGUNDO EXECUTIVOS DO SETOR



PROGRAM SPONSOR

NETWORKING SPONSOR

CONTRIBUTOR SPONSORS

CLUB PARTNERS

CLOSING DRINKS SPONSOR



NELSON
WILIANE
ADVOGADOS

Marcos
Martins
ADVOGADOS



AON



CESCON
BARRIEU
ADVOGADOS

madrona
FIALHO
advogados



SUMÁRIO INTERATIVO

3 BEM-VINDO AO GRI CLUB
AGRIBUSINESS

4 INTRODUÇÃO

5 FORTALECIMENTO
INSTITUCIONAL DO
AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

9 EFICIÊNCIA PRODUTIVA E
SEGURANÇA ALIMENTAR
Caminhos para o sucesso no
mercado internacional

11 FINANCIAMENTO E SEGURO
Longas avenidas de avanços

15 AGRITECHS
A próxima fronteira do agro no
Brasil



Bem-vindo ao GRI Club Agribusiness

O GRI Agro 2024 reuniu mais de 100 lideranças públicas e privadas com atuação no agronegócio brasileiro para debater as principais oportunidades e os desafios que precisam ser superados visando o crescimento sustentável do setor, que já se consolidou como um dos pilares da economia nacional.

Temos ciência do enorme potencial que podemos ajudar a destravar ao conectar autoridades, associações, órgãos de pesquisa e investidores - desde grandes empresas nacionais e estrangeiras, passando pelos bancos e gestoras até o produtor rural. Esse é o DNA do GRI Club desde sua fundação, em 1998, e que a cada ano adquire mais força e relevância no agro.

Entendo que as perspectivas são bem promissoras, especialmente ao considerar a integração do campo com novas tecnologias e a aproximação com o mercado de capitais, sem diminuir a importância do conhecimento tradicional nem da participação do poder público. Quanto mais agentes envolvidos e mais opções disponíveis, creio que mais brilhante será o futuro do agronegócio no Brasil.



Leonardo Di Mauro

PARTNER | HEAD OF AGRIBUSINESS

Introdução

O agronegócio é um dos pilares da economia brasileira, responsável por mais de um quarto do Produto Interno Bruto (PIB) do país. Por um lado, a vastidão do setor significa a geração de milhões de empregos e renda; por outro, impõe desafios relevantes em termos de inovação e competitividade no cenário internacional.

Há, por exemplo, **uma necessidade urgente de expandir as capacidades de armazenagem e escoamento da produção**. Estima-se que somente o gargalo logístico nos portos brasileiros cause um prejuízo anual de R\$21 bilhões, segundo o Centro Nacional de Navegação Transatlântica.

Também requer especial atenção as consequências das mudanças climáticas. **A seca em boa parte do Brasil - especialmente na região Amazônica - está colocando obstáculos adicionais à logística**. Para se ter uma ideia do impacto, entre julho de 2023 e junho de 2024, o agronegócio respondeu por 48,6% de todas as exportações brasileiras - e pelo menos um terço das produções de soja e milho foi escoado pelos portos do Arco Norte, mas desde a última semana de setembro o transporte pelo Rio Madeira está paralisado em razão da seca.

Outro tópico de grande relevância é o fortalecimento institucional do agronegócio brasileiro, que precisa se posicionar conforme o protagonismo que já detém para garantir a segurança alimentar global. Neste sentido, inovações tecnológicas podem dar ainda mais escala e aumentar a pegada sustentável do agro.

Por fim, novos bolsos estão sendo criados para financiar a produção, como os Fundos de Investimento nas Cadeias Produtivas Agroindustriais (FIAGRO), reduzindo gradativamente a dependência de linhas bancárias e do Plano Safra, mas com desafios relevantes a serem superados ([confira aqui um relatório exclusivo sobre FIAGROs](#)).

Existe, também, uma grande avenida de melhorias nos seguros oferecidos e na própria cobertura da produção segurada, que não chega a 15% da área plantada no país. A falta de informações precisas e o uso de bases de dados defasadas são problemas que urgem soluções eficientes.

Boa leitura!

Fortalecimento institucional do agronegócio brasileiro

O Brasil é reconhecido mundialmente como celeiro alimentar, mas ainda existe uma necessidade de abrir novos mercados internacionais, quebrando barreiras protecionistas impostas especialmente por países europeus. Neste sentido, a diplomacia é vista como uma ferramenta essencial para **posicionar melhor o país como um líder global em produção agrícola sustentável**. Ainda hoje, a narrativa pende para o lado negativo, e os executivos ressaltam que é preciso melhorar a comunicação visando mudar essa percepção incorreta sobre o agro brasileiro.

A sustentabilidade é uma preocupação central para as empresas do setor, bem como encontra respaldo em iniciativas governamentais. Estados que fazem parte da Amazônia Legal e foram representados no GRI Agro 2024 garantem que estão realizando esforços para **combater o desmatamento ilegal e reflorestar as áreas de nascentes**. Tais medidas, se bem-sucedidas, tanto melhoram a imagem do país quanto amenizam as mudanças climáticas e seus efeitos devastadores, conforme já mencionado.

Vale destacar que o Brasil historicamente equilibra a produção agrícola com a preservação ambiental, conforme prevê o Código Florestal. Em São Paulo, por exemplo, são preservadas 25% das áreas com vegetação, acima do mínimo exigido pelo CF (20%). Neste contexto, os executivos presentes criticam a pressão internacional sofrida pelos produtores brasileiros, com metas irreais como o desmatamento zero - ao passo que **os países europeus devastaram suas florestas no passado e ainda hoje preservam percentuais mais baixos do que o Brasil**.

A pressão exercida por grandes produtores globais já tem dado algum resultado: a Comissão Europeia acaba de adiar o início da vigência de uma lei relacionada ao desmatamento em nações que exportam commodities como café, cacau, soja e carne bovina para o bloco. Tal adiamento deve durar 12 meses, segundo reportagem da Bloomberg.

Infraestrutura logística

Embora o agronegócio brasileiro seja altamente competitivo em nível global, **existem grandes gargalos na infraestrutura logística que impactam a eficiência do setor “da porteira para fora”**, conforme as palavras de um executivo. A necessidade de melhorar a armazenagem, o transporte e o escoamento da produção é ponto central para o contínuo crescimento do agro, com destaque para o papel que pode ser desempenhado pelas parcerias público-privadas (PPPs) nesse processo - principalmente em modais de transporte (hidrovias, portos, ferrovias e rodovias).

Presente ao encontro, o governador do Tocantins, Wanderlei Barbosa, destacou a importância da ferrovia Norte-Sul (EF-151) e da rodovia Transbrasiliana (BR-153) no escoamento de grãos e proteínas animais produzidos pelo estado, além de futuras hidrovias, como a Tocantins-Araguaia, que devem baratear os custos de exportação.

No Sudeste, os governos estaduais estão dedicando esforços para viabilizar investimentos privados na área de transportes. Um dos exemplos mencionados é a privatização do porto de Santos - maior porto do Brasil e do Hemisfério Sul em movimentação de carga. Em paralelo, o ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, anunciou recentemente um investimento público de R\$12,6 bilhões no período de 2024 a 2028 para modernizar e expandir o complexo portuário.

Outras iniciativas em andamento, como a carteira de concessões de rodovias federais e as renovações antecipadas de ferrovias, podem melhorar o cenário logístico no médio e longo prazo.



Regularização fundiária e insegurança no campo

Em termos de novos investimentos, a situação irregular de terras aparece como um dos principais entraves, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país. Os executivos apontam que a insegurança jurídica em razão dessas irregularidades é um inibidor para os investidores que atuam no setor. O estado de São Paulo tem conseguido avançar na agenda de regularização fundiária, com destaque para o Pontal do Paranapanema, região no extremo oeste que concentra 32 municípios e é uma nova fronteira agrícola em expansão.

Outro ponto preocupante é a atuação do crime organizado no setor. Executivos relatam um aumento nos roubos de maquinários e insumos agrícolas, bem como queimadas criminosas que devastam as produções - prática facilitada pela seca que atinge o país em quase todas as regiões. Na esfera pública, autoridades afirmam que estão criando patrulhas de policiamento rural e delegacias especializadas no combate à criminalidade no campo.



Investimento em pesquisa e inovação

A qualidade da pesquisa agropecuária é apontada como um dos pilares do sucesso do agronegócio brasileiro. Instituições como Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) são mencionadas como as principais responsáveis pelos avanços em tecnologia e inovação nas últimas décadas, elevando a produtividade e a sustentabilidade ambiental.

As agritechs têm ganhado importância nesta esfera - veja mais detalhes na seção “Agritechs - A próxima fronteira do agro no Brasil”. Parcerias público-privadas para promover a inovação no campo são indicadas como uma boa prática, e já existem alguns exemplos em São Paulo e Minas Gerais, segundo os executivos presentes.



Eficiência produtiva e segurança alimentar - Caminhos para o sucesso no mercado internacional

Favorecido pelo tamanho do território, boas condições climáticas e fertilidade do solo, o Brasil pode melhorar sua eficiência produtiva para alçar voos ainda mais altos no cenário internacional.

Dentre os caminhos possíveis, os executivos destacam a importância de intensificar o uso de áreas degradadas, a exemplo do Pará, indicado como um estado onde há grandes extensões de terra que poderiam ser melhor aproveitadas com a modernização e a integração de culturas. Um dos participantes mencionou um caso prático de uma área degradada que, após intervenção, passou a produzir soja, milho e carne bovina, maximizando a produção por hectare.

Essa otimização pode acontecer via melhoramento genético e uso eficiente de safras: o desenvolvimento de sementes mais adaptáveis a diferentes microclimas, especialmente no cerrado - mas também em outras regiões agrícolas do Brasil - amplia o potencial produtivo mesmo em condições adversas, permitindo uma produtividade mais uniforme. Alguns executivos defendem a variação para novas culturas, como a canola, no cerrado, mas outros expressam ceticismo sobre a aceitação dos produtores rurais em razão de questões de mercado, como a viabilidade comercial.



Por outro lado, **existe consenso sobre a necessidade de o Brasil diversificar seus mercados de exportação, buscando novos destinos além da Europa e China.** A África e o Sudeste Asiático foram mencionados como regiões com grande potencial de crescimento populacional e que, futuramente, terão uma demanda maior por alimentos. Os executivos destacam que o país deve fortalecer as relações comerciais com esses mercados emergentes, uma vez que eles podem se tornar estratégicos para a exportação de produtos agrícolas.

Ao mesmo tempo, o Brasil precisa exercer a sua força devido à importância que tem na segurança alimentar global, **utilizando de sua capacidade de produção para negociar melhores condições com mercados exigentes, como o europeu.**

O governo federal tem papel essencial nesta agenda: sendo uma das maiores potências agropecuárias do mundo, o Brasil precisa de políticas públicas que reforcem essa posição no cenário global. A presença do país em fóruns internacionais, como as reuniões do G20, é vista como oportunidade para exercer mais influência sobre as regras do comércio agropecuário.

A própria relação entre o agronegócio e o Poder Público também precisa melhorar, no sentido de que haja uma defesa mais explícita dos interesses brasileiros, tanto em negociações internacionais quanto na percepção “da fronteira para dentro”, isto é, para que não haja qualquer dúvida sobre a importância do setor para a economia do país, incluindo geração de emprego e renda, além da segurança alimentar.

Uma vez mais, a pressão externa sofrida pelo agronegócio em termos de sustentabilidade foi pauta entre os executivos presentes. Embora as empresas e os produtores rurais estejam se adaptando para cumprir as exigências (principalmente de países europeus), é unânime a defesa de que **o Brasil tem um dos códigos ambientais mais rigorosos do mundo e que os produtores já adotam práticas sustentáveis avançadas.** Assim, a governança corporativa é uma ferramenta importante para organizar melhor as operações agrícolas e **comunicar de forma mais eficaz a sustentabilidade do agronegócio brasileiro.**

Por fim, novas oportunidades devem surgir no mercado de certificações e incentivos ambientais, como rastreabilidade, emissão e negociação de créditos de carbono. Alguns executivos, entretanto, têm dúvidas em relação ao alcance e efeito prático de tais incentivos: “No curto prazo, acho muito difícil. Embora haja muitos projetos em andamento, falta uma estrutura mais sólida e casos concretos para que os produtores vejam real valor nessas iniciativas”, afirma um participante.

Financiamento e seguro - Longas avenidas de avanços

Historicamente financiado por bancos tradicionais e pelo próprio caixa das empresas, o agronegócio cresceu ao longo das últimas duas décadas sustentado pelo Plano Safra, que tem as taxas de juros subsidiadas pelo governo federal. **O montante anunciado para a safra 2024/2025 é o maior desde o início do programa, somando R\$400,59 bilhões** - um avanço de 9,7% frente ao ano anterior e mais do que o dobro em relação à safra 2019/2020.

Mesmo assim, ficou abaixo dos valores pleiteados pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) - R\$570 bilhões - e pela Organização das Cooperativas Brasileiras, que pediu R\$557 bilhões. Isso mostra que, **apesar dos esforços da esfera pública para acompanhar o crescimento do setor, novas linhas de crédito precisam surgir**, uma lacuna que começa a ser mais bem preenchida pelo mercado de capitais com o FIAGRO ([aprofunde neste relatório exclusivo](#)).



Segundo executivos presentes, este instrumento criado em 2021 é “um divisor de águas para democratizar o acesso ao mercado de capitais para os produtores rurais”. Em pouco tempo de funcionamento, os FIAGROs acumularam em torno de R\$40 bilhões em patrimônio líquido, segundo dados da B3 referentes a julho de 2024, em mais de 100 fundos operacionais - um terço deles abertos para investidores de varejo. “O FIAGRO trouxe novos recursos para o setor, somando-se aos já disponibilizados por bancos, cooperativas de crédito e indústrias”.

Uma das expectativas de gestores e demais players que atuam com FIAGRO acaba de ser atendida: **a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) publicou, em 30 de setembro, a Resolução 214, uma norma específica para este instrumento**, que até então vem operando com adaptações feitas sobre normas de outros fundos de investimento, como os FIs, FIPs e FIDCs.

“Essa norma é crucial para garantir o crescimento do agronegócio, principalmente porque o setor avança a uma velocidade que os balanços financeiros, sozinhos, não conseguem suportar”, avalia um especialista.

Um representante da CVM presente na reunião afirma que o órgão tem se esforçado para aproximar o mercado de capitais das necessidades específicas do agronegócio, o que inclui a modernização das regulamentações a fim de permitir maior flexibilidade e alcance dos produtos financeiros no setor.

Se por um lado as condições de crédito estão melhorando, por outro lado ainda existe muito trabalho a ser feito para aumentar a participação das seguradoras no setor. O executivo de uma seguradora presente revela o panorama do seguro rural no Brasil, destacando que, embora o pagamento de indenizações funcione bem, a cobertura não chega a 15% da área plantada no país. A título de comparação, esse percentual chega a 90% nos Estados Unidos.

Segundo o especialista, essa baixa adesão é resultado da falta de personalização dos seguros para os médios e grandes produtores. Soma-se a isso a falta de informações precisas sobre a produção, reduzindo a atratividade do seguro rural - que, portanto, é discrepante da realidade requerida pelo segurado.

Os players do setor também debatem o papel da subvenção federal no seguro agrícola: atualmente, o governo subsidia 40% do prêmio dos seguros, mas a verba destinada a esse subsídio varia conforme o governo e as políticas em vigor, o que gera instabilidade no mercado. Nos Estados Unidos, o orçamento do programa federal de subsídio agrícola é de aproximadamente 9 bilhões de dólares, frente a R\$1,15 bilhão no Brasil, em 2024.

“Uma subvenção mais estável e robusta poderia ampliar a cobertura do seguro rural, aumentando a segurança financeira dos produtores e investidores”.

O diretor de um banco tradicional, com ampla exposição ao agronegócio, corrobora que o seguro rural funciona como uma garantia para as operações de crédito, protegendo as instituições financeiras quando o produtor não consegue colher sua safra. No entanto, o alto custo e a falta de modelos adequados tornam o seu uso inviável na maioria dos casos.

O head de Agronegócio de outro grande banco chama a atenção para a necessidade de aumentar a transparência e a governança no setor.

“Muitos produtores ainda operam como pessoas físicas, o que dificulta a obtenção de informações confiáveis e estruturadas sobre a sua atividade produtiva. Isso impacta diretamente a precificação do crédito e a oferta de seguros, já que a falta de governança e de informações detalhadas aumenta o risco percebido pelos investidores e credores”.

Agritechs - A próxima fronteira do agro no Brasil

As agritechs estão desempenhando um papel fundamental na modernização do agronegócio brasileiro, mas os fundadores de startups destacam a dificuldade de escalar essas soluções. “Para que as inovações tenham um impacto real, é necessário um esforço contínuo para adaptá-las às realidades do campo”, diz um executivo presente.

Os maiores avanços estão nas tecnologias mecânicas (aplicadas em máquinas e equipamentos), enquanto a implementação de soluções biotecnológicas e digitais se encontra nos estágios iniciais.

“Drones e tratores autônomos são cada vez mais comuns, mas a grande revolução tecnológica virá com a integração de dados precisos, o desenvolvimento de novas sementes e insumos biológicos que permitam aumentar a produtividade”, explica outro participante.

A necessidade de melhorar a experiência do usuário para os produtores rurais é enfatizada pelas próprias agritechs: a inovação tecnológica, para ser eficaz, precisa ser acessível e prática para os agricultores. **A simplificação do uso de novas ferramentas e a transformação de dados em ideias e recomendações claras são vistas como formas de aumentar a adesão tecnológica.**

O impacto das inovações tecnológicas no acesso ao crédito deve ser um dos grandes avanços oferecidos pelas agritechs; historicamente (e ainda hoje), o mercado financeiro tem dificuldades para compreender e lidar com a volatilidade e os riscos inerentes ao agronegócio.

Neste sentido, as agritechs podem aumentar a precisão das informações sobre o campo, o que ajudaria a mitigar riscos, ampliar o crédito e torná-lo mais acessível em termos de custo. Isso criaria um ciclo virtuoso: o acesso ao capital, que muitas vezes é o fator limitante para investimentos em tecnologia, seria facilitado justamente devido ao uso da tecnologia no campo.

Avançando um pouco, a tokenização também é vista como um caminho inevitável, mas que ainda enfrenta desafios operacionais e educacionais. Basicamente, essa tecnologia permite que ativos físicos - como grãos ou rebanhos - sejam convertidos em ativos digitais, oferecendo mais rastreabilidade e segurança para as transações financeiras do setor.

“O público precisa ser educado sobre as vantagens desse sistema, bem como as infraestruturas de hardware - como IoT - precisam estar disponíveis para que o sistema funcione plenamente”, afirma um executivo. No fim, **a tokenização também é uma ferramenta poderosa para aumentar o acesso ao crédito no agronegócio.**

Conecte-se com líderes do agronegócio brasileiro e fique por dentro dos debates que moldam o futuro do setor no país.

O GRI Club

Fundado em 1998, em Londres, o GRI Club reúne atualmente mais de 17 mil executivos seniores espalhados em 100 países, com atuação nos mercados imobiliário, de infraestrutura e do agronegócio.

O modelo inovador de discussões do GRI Club permite a livre participação de todos os executivos, fomentando a troca de experiências e conhecimento, o networking e a geração de negócios.

Membros do clube também têm à disposição uma plataforma exclusiva para ver mais informações sobre os executivos e as respectivas empresas, marcar reuniões, pedir introduções personalizadas com colegas da indústria e acessar de modo irrestrito todos os nossos conteúdos.



Leonardo Di Mauro

PARTNER | HEAD OF AGRIBUSINESS
leonardo.dimauro@griclub.org
19 9 9369 6733



Luiz Santos

DIRECTOR OF AGRIBUSINESS |
BRAZIL
luiz.santos@griclub.org
19 9 9126-6161